

## AS ELEIÇÕES DA MUDANÇA: CHILE 2009/2010.<sup>1</sup>

*The Elections of change: Chile 2009/2010.*

Letícia M. Ruiz Rodriguez  
*Universidad Complutense de Madrid*  
✉ leticiamaria.ruiz@cps.ucm.es

Em 18 de dezembro de 2009, o Chile celebrava o primeiro turno das eleições presidenciais. Era a quinta vez, desde o retorno da democracia, em 1989, que os chilenos elegiam o presidente da república. Com uma vitória folgada, o candidato da coalizão de direita, Sebastián Piñera (44,05% dos votos), passou para o segundo turno para enfrentar o ex-presidente e candidato da coalizão de esquerda, Eduardo Frei (29,6% de votos). O segundo turno, realizado em 17 de janeiro de 2010, converteu Piñera em presidente dos chilenos pelos próximos 4 anos (51,61% dos votos).

Com a vitória de Piñera, ocorre a primeira alternância democrática, uma vez que significa a chegada da direita ao Palácio de La Moneda através das urnas<sup>2</sup>, em cinquenta e dois anos, ou seja, desde as eleições de 1958. Além disso, seu triunfo desbanca a coalizão de centro-esquerda *Concertación de Partidos por la Democracia* (composta pelo Partido Demócrata Cristão – PDC; o Partido Socialista – PS - e o Partido Radical Social Democrata – PRSD), no poder desde 1989.

Muita coisa mudou no Chile desde as eleições de 1993, nas quais Frei fora eleito no primeiro turno para o cargo de Presidente da República, tendo sido o presidente mais votado da história do país (58% dos votos). Nesta ocasião, a

---

<sup>1</sup> Algumas destas idéias foram esboçadas em:

<http://www.fundacioncarolina.es/esES/nombrespropios/Documents/NPLeticiaRuiz1001.pdf>

<sup>2</sup> O presidente eleito lidera a *Coalición por el Cambio*, formada por seu partido, Renovação Nacional (RN), junto com a União Demócrata Independente (UDI) um terceiro partido de recente criação, Chile Primeiro (CH1), bem como duas agremiações menores.

*Concertación* não soube vender sua marca, nem se beneficiar de seus êxitos econômicos e, para muitos, tampouco conseguiu definir bem a sua embalagem. A volta do ex-presidente e democrata cristão, Eduardo Frei, como candidato da *Concertación* - que continua uma tendência já vista em países como Peru (Alan García), Costa Rica (Oscar Arias) ou Nicarágua (Daniel Ortega) -, não parece ter ajudado a promover a idéia de mudança que o eleitorado demandava. A isso se ajuntam algumas práticas negativas e dinâmicas clientelistas na divisão de cargos, como razões da queda da centro-esquerda.

A seguir, será apresentada uma reflexão acerca das mudanças introduzidas nesta última eleição, em torno de três aspectos: o planejamento da disputa eleitoral, os resultados das eleições para a Câmara dos Deputados e a interpretação destes resultados eleitorais para o executivo e o parlamento, sobre o sistema partidário. As eleições de 2009/2010 representaram a maior das mudanças na dinâmica partidária chilena desde 1989, ao produzir uma dupla derrota da *Concertación* nas eleições para presidente e para a Câmara dos Deputados, tendo ficado, no Senado, com um nível de apoio similar ao da coalizão rival. Mas, além disso, estas eleições podem ser caracterizadas como “eleições de mudança”, por terem produzido um movimento à direita, por parte do eleitorado, assim como uma fragmentação dos votos que, até agora, reuniam os partidos das duas coalizões rivais. Assim, os outros partidos à margem das coalizões se projetaram no cenário eleitoral junto a um candidato *independente* que capitalizou um percentual considerável do apoio eleitoral.

### **Os elementos da mudança nas eleições chilenas**

O primeiro grupo de elementos de mudança se refere ao modo em que se estabeleceu a competição eleitoral. Pela primeira, vez desde o retorno à democracia, o voto concertacionista estava repartido entre dois candidatos: o democrata cristão, Eduardo Frei, e o ex-socialista, Marco Enríquez-Ominami. Este último, conhecido pelas iniciais de seu nome - MEO, protagonizou um enfrentamento no seio da *Concertación*, ao exigir primárias, para a definição do candidato oficial. Nas eleições de 1993, se realizou o primeiro ensaio próximo a uma primária, a qual levou Frei (vencendo Ricardo Lagos) a ser o candidato oficial da coalizão. Na eleições de 1999, Lagos derrotou Andrés Zaldívar (PDC) nas eleições primárias, em sentido estrito. Já em 2005, as primárias previstas não chegaram a ocorrer. A candidata Soledad Avelar (PDC) se retirou da competição devido à alta popularidade de Michelle Bachelet (PS) que se converteu na candidata da *Concertación*, finalmente eleita Presidente da República.

Não obstante, diferentemente das práticas adotadas em escolhas anteriores à postulação de Enríquez-Ominami, foram encontradas resistência por parte da elite dos diferentes partidos da coalizão, incluindo o seu próprio grupo. Respeitando procedimentos internos, ainda que contrariando sua vontade, os três principais partidos da *Concertación* aceitaram designar Eduardo Frei como seu candidato para as primárias hipotéticas. Isso retirou o sentido da realização das primárias e provocou a proclamação, praticamente *de fato*, do democrata cristão como candidato oficial da coalizão.

A designação de Frei como candidato a presidente pela *Concertación* provocou a saída de Enríquez-Ominami de seu partido e da coalizão. Convertido como candidato independente, ele se beneficiaria do conflito com sua ex-coalizão, ao se colocar para o público como uma vítima das práticas elitistas e pouco democráticas da *Concertación*. Seu discurso *anti-establishment*, inédito no Chile até então, e sua habilidade comunicacional, mobilizaram o eleitorado progressista desencantado com o projeto da *Concertación*, que sofre o desgaste de vinte anos de governo e de alguns escândalos de corrupção, bem como do crescente número de eleitores identificados com a esquerda não registrados para votação que se abstiveram<sup>3</sup>. Os 20,13% de votos que ele obteve no primeiro turno da eleição o tornou o candidato independente mais bem sucedido da história do Chile no período pós-autoritário.

O embate entre Enríquez-Ominami e Frei levou à fragmentação do voto da *Concertación*, que não pode ser integralmente capitalizado por Frei, no segundo turno. O apoio tardio e tímido de Enríquez-Ominami tem algo que ver com o fracasso do candidato oficial da *Concertación*. Embora tenha ocorrido um crescimento em relação ao primeiro turno, realizado em dezembro de 2009 (Frei aumentou sua votação de 29,6% para 48,38%), situação que há poucos meses antes parecia imprevisível, não foi possível que todo o eleitorado progressista se unisse em torno a Frei contra Piñera.

Juntamente com estas mudanças no âmbito da *Concertación*, o outro elemento novo que levou à problematização desta eleição e que contribuiu para a vitória de Piñera, foi a unidade da direita em torno de um único candidato. Este é o ponto onde a candidatura presidencial de Piñera teve a sua primeira batalha. Até a sua designação como candidato oficial da *Coalición por el Cambio*, nunca havia existido um candidato único da coalizão de direita (que antes se chamava *Alianza por Chile*). A negociação com a elite da UDI, o partido mais votado no Chile atualmente, para que Piñera fosse

---

<sup>3</sup> O apoio por parte do eleitorado de esquerda foi também possível graças ao respaldo dado pelo Partido Humanista e pelo Partido Verde, que respaldaram oficialmente a candidatura de Enríquez-Ominami.

indicado para disputar o cargo, exigia que os partidos deixassem de lado seus tradicionais enfrentamentos e o mal ocasionada pela UDI, em 2005<sup>4</sup>.

O segundo grupo de mudanças que representou esta eleição, se refere ao âmbito parlamentar, onde as eleições para deputados e senadores introduziram ao menos duas transformações, com a consolidação de alguma tendência. Como primeira mudança, cabe ressaltar que antes destas eleições a *Concertación de partidos por la Democracia* perdeu sua condição de mais votada para a Câmara dos Deputados, que detinha desde 1989. Nesta ocasião, a *Coalición por el Cambio*, com seus cinquenta e oito deputados lhe destituiu do posto (diante dos cinquenta e quatro da *Concertación*).

A outra transformação se refere a diversificação da composição da Câmara dos Deputados. Os resultados do pleito permitiram a chegada de novos partidos à Câmara: um histórico e outro de recente criação. Pela primeira vez desde a transição, apesar de que seus apoios se mantivesse ao redor dos habituais 5% em eleições anteriores, três deputados do Partido Comunista de Chile (PCCH) foram eleitos. O outro partido político que obteve três cadeiras foi o Partido Regionalista dos Independentes (PRI). Criado em 2006 mediante a fusão dos partidos regionalistas (Partido de Ação Regionalista – PAR - e Aliança Nacional dos Independentes – ANI), o PRI reuniu em 2009 algumas personalidades destacadas da Democracia<sup>5</sup>. A presença destes partidos na arena parlamentar é especialmente meritória, por ocorrer fora do guarda-chuvas de uma grande coalizão e em um sistema eleitoral que encoraja a competição coordenada de esforços via pactos eleitorais<sup>6</sup>.

Do lado das tendências que se confirmam no âmbito parlamentar, destaca-se a condição de potente maquinaria eleitoral que a UDI possui. Em uma Câmara de Deputados pequena (120 deputados), este partido conseguiu 37 assentos, que, somados a três deputados eleitos com *status* de independentes que são próximos a ele, o converte em um poderoso ator, necessário em muitas ocasiões para o processo

---

<sup>4</sup> A poucas semanas das eleições presidenciais de quatro anos atrás, o agora presidente eleito decidiu apresentar-se como candidato, forçando seu partido (RN) a retirar o apoio ao, até então, único candidato, Joaquín Lavín (UDI) a quem, por sinal, derrotou no primeiro turno. Aquelas eles resistiram diante de uma bem-sucedida Bachelet, que obteve uma vantagem sobre eles de quase oito pontos, no segundo turno. Não obstante, a experiência permitiu que ele demonstrasse, no Chile sua força e recursos abundantes econômicos, que lhe permitiram organizar uma candidatura em breve espaço de tempo.

<sup>5</sup> Este último feito, que provocou a cisão de um setor “histórico” do jovem partido, teve muito a ver com o rendimento positivo do partido em suas primeiras eleições para a Câmara dos Deputados. Nas eleições parlamentares de 2005, um dos partidos (PAR) que agora integra o PRI, obteve eleger uma deputada. Diga-se também que ela integrou, há dois anos, as bancadas do RN e, posteriormente da UDI.

<sup>6</sup> No caso do comunismo cabe sinalizar a existência de um pacto eleitoral instrumental com a *Concertación*, denominado pacto contra a exclusão, que facilitou sua chegada ao parlamento. Baseado em um sistema de omissões recíprocas, a *Concertación* cedeu cinco quotas ao PCCH. Este, por sua vez, se omitiu em dois distritos eleitorais onde a presença de seus militantes podia dispersar a oferta do grupo progressista.

decisório no legislativo<sup>7</sup>. Todavia, no âmbito da direita, o partido de Piñera (RN) aumentou sua votação, mas reduziu o número de cadeiras (de vinte para dezoito); devido aos efeitos paradoxais que produz a alta desproporcionalidade do sistema eleitoral.

De forma paralela à UDI, embora em sentido oposto, nos quadros da *Concertación* se assiste lentamente ao anunciado declínio do PDC. Apesar da leve melhora nas eleições de 2005, a Democracia Cristã foi relegada ao posto de terceiro partido mais votado, atrás da UDI e da RN. O PDC passa, então, de vinte e um deputados para dezenove. As lutas internas, bem como o desgaste que afeta todos os partidos da *Concertación*, explicam grande parte dessa situação. Na mesma direção, a estagnação do apoio recebido pelo PPD e pelo PS tem a ver com a presença de vinte anos à frente do Executivo; porém, também reflete as disputas dentro do bloco progressista da *Concertación* em função da saída de Enríquez-Ominami do socialismo.

Por outro lado, no Senado, após a renovação em metade dos senadores, nas eleições de 2009, a *Concertación* mantém sua condição de coalizão majoritária (dezenove senadores contra dezesseis da *Coalición por el Cambio*), ainda contando com as inclinações de senadores independentes e fora das coalizões (que aumentam em um e dois, respectivamente os apoios para a *Concertación* e para a *Coalición por el Cambio*).

O terceiro grupo de elementos de mudança se refere ao impacto dos resultados eleitorais sobre o sistema partidário e sobre a estruturação da competição partidária. Neste sentido, as eleições presidenciais e parlamentares de 2009/2010 apontam para uma “direitização” do eleitorado chileno. A derrota do candidato da *Concertación* e o dissenso de sua base de apoios nas eleições para deputados é sintomática dessa guinada à direita. As próximas eleições municipais (dentro de dois anos) confirmarão ou negarão este movimento rumo à direita.

Por outro lado, estas eleições introduzem novos elementos para atualizar a discussão sobre clivagens no Chile. Mesmo que as análises pós-eleitorais venham a determinar, através de pesquisas, o destino dos votos dos partidários de Enríquez-Ominami, se pode adiantar, por razões de simples aritmética, que uma parte de seus votos foram transferidos para o candidato que, em teoria, era ideologicamente mais próximo dele: Frei. Porém, não se pode esquecer que nos 48,38% de votos recebidos por Frei no segundo turno, havia também transferências provenientes do quarto candidato, que disputava pela primeira vez: Jorge Arrate, do partido *Juntos Podemos*.

---

<sup>7</sup> Sobre a dinâmica no Legislativo e as políticas de consensos dos primeiros governos da *Concertación* ver Siavelis (2000).

Arrate foi Ministro nos primeiros governos da *Concertación* e um destacado militante socialista. Seu agrupamento, que reúne partidos que orbitam em torno a uma esquerda mais ideologizada (Partido Comunista do Chile – PCCH; Movimento de Ação Popular Unitário Operário-Camponês - MAPU-OC -, e o Partido de Esquerda Cristão) obteve 6,21% dos votos no primeiro turno e deu apoio incondicional a Frei, no segundo turno.

Dito tudo isso, parece evidente que Frei não capitalizou todos os votos de Enríquez-Ominami e que Piñera aumentou seus apoios em quase oito pontos percentuais entre o primeiro e o segundo turno. Assim, ainda que seja certo que o número de votos válidos tenha aumentado em 34.000 do primeiro para o segundo turno (entre os quais haveria partidários de Enríquez-Ominami), é possível que a mobilização dos desencantados e dos abstencionistas pelo fenômeno MEO tenha contribuído para a vitória de Piñera, no segundo turno. Diante deste cenário, se poderia afirmar que, nas primeiras eleições sem Pinochet vivo, se produziu um diminuição na capacidade estruturadora da clivagem autoritarismo/democracia que, tempos atrás, havia culminando na combinação das duas grandes coalizões (*Concertación* e *Coalición por el Cambio*). Sobretudo quando, além disso, a vitória de Piñera ocorreu a despeito dos comentários e acusações de Frei, entre outros, sobre as tintas “pinochetista” de alguns dos membros da equipe do candidato de direita. Além disso, estas transferências de votos para Piñera, vindos de eleitores próximos à *Concertación*, sinalizariam o redesenho dos famosos *três terços* (esquerda, centro, direita) e sua transformação em quatro quartos, ao haver gerado um importante segmento de eleitores abstencionistas.

Como terceiro elemento de transformação do sistema partidário chileno, a ser confirmado a transferência de apoios, uma parte da liderança de Enríquez-Ominami e de Piñera seria mais atribuível a um voto mais personalista e menos ideológico, do que ao que vem sendo tradicionalmente explicando para a interpretação do comportamento eleitoral no Chile. Não é a primeira vez que se produz um voto não-programático, ainda que este pareça ter sido muito maior nesta do que em outras eleições. Por exemplo, uma pequena porcentagem da vitória de Bachelet e seu incremento de apoios entre o primeiro e o segundo turnos de 2005 é explicado pela solidariedade de gênero e não por critérios ideológicos. Este é o caso de alguns grupos específicos, como o das mulheres.

Em síntese, se o resultado das eleições de 2005 foi retratada pela maioria dos analistas como cheia de continuidades, com a única grande novidade parecendo ser a do acesso de uma mulher à presidência da República, as últimas eleições abrem no Chile uma nova etapa na história recente. Os resultados mostram a dupla derrota

daquilo que foi denominado no Chile como o oficialismo em eleições presidenciais e parlamentares; mais ainda, revelam algumas transformações no sistema partidário do país que nos permitem falar de “eleições da mudança”.

### **Perspectivas para o futuro**

Neste clima, tanto o desenho da disputa eleitoral, como o êxito de Marco Enríquez-Ominami e os altos níveis de abstencionismo, delatam a necessária renovação que será sofrida pelos partidos chilenos. Acusados de elitismo, de ausência de democracia interna e de falta de renovação, estão entre as instituições mais desacreditadas de um país onde, outrora, foram sua coluna vertebral (Garretón *dixit*).

Por outro lado, o novo presidente terá que governar com duas câmaras, onde as opções de centro-esquerda e de direita estão bastante iguais, graças ao apoio de três deputados comunistas que se somarão aos da *Concertación* em muitas das votações. Contudo, um conjunto de deputados, provavelmente do PRI, pode inclinar a balança para a direita. Trata-se, portanto, de uma situação em que o PCCH e o PRI terão uma provável condição de “fiéis da balança”, no meio da continuidade de uma lógica bi-coalizacional. Por sua vez, a UDI fará valer seu peso parlamentar (domina um terço da Câmara dos Deputados), já que na distribuição de cotas para o seu partido, no novo Gabinete, a sua voz não foi escutada proporcionalmente ao peso da sua força eleitoral. Fazendo eco do estado de ânimos apartidário, inédito no Chile, um considerável número de políticos independentes formam o governo de Piñera que, em março, inicia o primeiro mandato da direita no poder.